



Linn Akurate

O regresso ao original

A Linn é, indiscutivelmente, um dos fabricantes mais ligados ao ressurgir do áudio de alta qualidade, quer através do ultra-reconhecido gira-discos LP12, agora na sua versão SE, quer com base em muitos dos equipamentos inovadores que foi lançando ao longo dos seus cerca de 35 anos de existência.

O leitor de CD's Akurate é uma das suas mais recentes propostas em termos de fontes de áudio e pretende recuperar o gosto pela audição de CD's na sua máxima qualidade. De facto, poderemos dizer que o Akurate acaba por ser um leitor universal Unidisk 1.1 optimizado para a leitura de áudio, ou seja, despojado das capacidades de leitura de vídeo (e por quase metade do preço!). E faz todo o sentido ter uma proposta neste campo, uma vez que qualquer amante de música tem certamente em sua casa uma completa colecção de CD's que gostará de ouvir nas melhores condições possíveis.

O já tão conhecido Silver Disk Engine, da Linn, é uma tecnologia que permite a rápida identificação do disco introduzido no leitor e, em função

desse reconhecimento, reconfigura o sistema para o maior nível de performance disponível. Esta tecnologia está integrada no Akurate e é certamente responsável pelo excelente nível de desempenho sónico deste leitor de CD's.

Lançado em Maio deste ano, durante o High-End Show de Munique, o Akurate CD é «apenas» mais um dos elementos de toda uma linha com o mesmo nome e que integra um sintonizador, colunas, um pré-amplificador e amplificadores de potência. Deste modo, é possível configurar um bom sistema de áudio à medida dos gostos e das posses do comprador com base em equipamentos que desde o início foram projectados para funcionar em conjunto.

Descrição técnica

Ao contrário do que costuma ser normal nos meus testes, vou ter que ser bastante comedido nesta área, fundamentalmente porque a Linn coloca o circuito impresso principal do Akurate com os componentes virados para baixo, e também porque as suas especificações técnicas são mesmo reduzidas ao essencial.

De qualquer modo, pois começo por dizer que o Akurate utiliza uma caixa que quase se pode dizer é partilhada entre vários dos novos produtos da Linn, nomeadamente os dois leitores universais Unidisk.

Os controlos frontais estão reduzidos ao essencial, e nas traseiras temos as saídas por fichas RCA com os 5.1 canais, com as dos dois canais frontais principais duplicadas e ainda presentes sob a forma de saídas balanceadas por fichas XLR. Temos ainda saídas de sinal digital por ficha óptica Toslink ou por BNC e as ligações RC5 In e Out para integração num sistema controlado Knekt. Duas ligações RS232 (In e Out), implementadas através de fichas EIAJ (Ethernet), permitem igualmente a inclusão do Akurate num sistema de controlo centralizado ou ainda o *upgrade* futuro do sistema operativo armazenado numa memória *flash*.

O interior do Akurate está muito bem povoado, com um circuito impresso principal de dimensões imponentes a ocupar quase toda a parte esquerda da caixa, e encimado pelo citado sistema de transporte desenvolvido pela

Linn, o Silver Disk Engine. Embora não o conseguisse observar directamente, os conversores D/A são da Burr-Brown, certamente com capacidades de funcionamento até 192 kHz/24 bit, em face da possibilidade de leitura de DVD-Audio e SACD. Do lado direito, temos um outro exemplo das capacidades tecnológicas da Linn, a fonte comutada *silent-power*, desenvolvida segundo uma tecnologia que elimina praticamente todos os inconvenientes habituais das fontes comutadas, nomeadamente a emissão de ruído de alta frequência, que pode interferir com os delicados circuitos de processamento e conversão digital/analógico. Pouco mais fica para dizer, excepto que o Akurate vem acompanhado por um controlo remoto com múltiplas capacidades, ou seja, pode ser utilizado igualmente com outros equipamentos da gama Akurate.

Audições

Chegado a minha casa nos finais de Agosto, o Akurate foi imediatamente inserido no meu sistema habitual e sujeito a alguns dias de «queima». O sistema, que muitos dos meus leitores já conhecem sobejamente, tem como colunas as Quad ESL 63 Pro, alimentadas pelo amplificador de potência Mark Levinson N.º 27.5, sendo o sinal transportado até elas pelos cabos Kimber Select KS 3035. Da mesma linha Select é o KS 1021, o cabo de interconexão que liga o amplificador de potência ao meu prévio, de construção caseira. Como este



prévio não tem entradas balanceadas, utilizei um cabo de ligação RCA/RCA Black Rhodium Requiem entre o leitor da Linn e o meu prévio. A alimentação de sector do Akurate foi fornecida por um condicionador de sector PS Audio P300.

Todas as audições, mesmo as de discos SACD que eventualmente possam estar gravados em 5.1, foram efectuadas em dois canais, até porque essa é, para mim, não só a vocação máxima do Akurate como a melhor maneira de se apreciar a música apenas por ela e não por efeitos mais ou menos pirotécnicos. Ao mesmo tempo, durante todo o período de audição o Akurate permaneceu alimentado, sendo interessante, a este respeito, citar que a entrada em *standby* se efectua de um modo ori-

ginal quando não se recorre ao controlo remoto: basta premir por algum tempo a tecla de reprodução.

Aquilo que salta logo à vista, perdão, ao ouvido, quando das primeiras audições do Akurate, é o seu extraordinário sentido de precisão, uma batida a ritmo certo, uma sensação quase metronómica de que tudo está a sair a compasso. Esta grande capacidade de tocar no momento certo é ainda mais evidenciada (e útil) no caso dos SACD's que desde sempre foram acusados de terem um ritmo algo lento, embora ostentem uma esplendorosa imagem espacial e um rigor tímbrico de se lhe tirar o chapéu. Agora imaginem tudo isso com os músicos todos a agarrarem nos instrumentos e a desatarem a tocar com grande entusiasmo, cheios de genica até mais não. Que remédio tem o ouvinte senão começar a bater o pé, na falta de poder saltar para o meio da música, tal a energia que se desprende das interpretações. Digo-lhes que fiquei com muitas saudades de tornar a ouvir, por exemplo, uma das faixas mais conhecidas e utilizadas vezes sem conta em demonstrações, a belíssima *Stimela*, cantada por Hugh Masekela. O disco em causa, ou seja, o que continha essa faixa, era um disco de demonstração da Groove Note que comprei aqui há uns tempos no Japão, talvez o único país do mundo onde se dá grande atenção ao SACD. Para os poucos que não conhecem esta faixa, a descrição simples é a de que se trata de uma can-



TESTE Linn Akurate



ção que descreve a vida os trabalhadores nas minas da África do Sul e que começa num tom bastante baixo, apenas com voz *a capella*, indo crescendo de entusiasmo e nível até desabar sobre nós numa torrente de energia quase incontrolável. Todo o calor e graciosidade do SACD estavam presentes mas, ao mesmo tempo, a voz do intérprete assumiu uma presença marcante, com uma evidenciação dos mais pequenos detalhes do magnífico trabalho vocal de Hugh que me fez

ficar até ao fim a ouvir sem pensar em absolutamente mais nada. Só por conseguir fazer isto a partir do SACD o Akurate merece desde já todos os meus encómios.

Por outro lado, é possível apreciar uma associação a alto nível de suavidade, transparência e refinamento, definição esta que se aplica a todo o espectro sonoro: o grave está sempre presente e soa bem enérgico sempre que é necessário, mas nunca se com-

porta como um invasor dos médios, a gama média faz prova de um toque quase como que de veludo, chegando mesmo a ser sensual no caso, por exemplo, de uma boa voz feminina, tal como Eva Cassidy, em *Fields of Gold*, ou Jacintha, em *Light My Fire*. Por fim, mas nunca por último, o agudo sobe com uma finura assinalável, embora sempre eivado de uma compostura musical que me fez apreciar de sobremaneira peças como *Variações sobre o Carnaval de Veneza*, de Paganini, neste caso incluída num disco de teste híbrido (CD+SACD), com um total de quase 3 horas de música, da m.a Recordings. Esta editora, sob a supervisão de Todd Garfinkle, dedica-se a produzir discos de música «alternativa» e de carácter regional, tendo inclusive sido gravados em Portugal pelo menos dois dos discos do seu catálogo, o *Luz Destino*, com fados cantados por Maria Ana Bobone, estreado num dos Audioshow, penso que em 2000, e *O Exílio*, com João Paulo, um notável pianista que teve oportunidade de re-ouvir aqui há uns meses na Culturgest. Neste último caso acompanhei mesmo as sessões de gravação, efectuadas no Mosteiro dos Capuchos, na Charneca da Caparica, e pude apreciar o extremo cuidado com que Todd colocou os microfones de captação do som do piano, levando horas a definir a posição final de cada um. Todd é um cidadão do mundo que já viveu em sítios tão variados como os Estados Unidos, Japão, Israel, e que tem gravado músicas de origens tão remotas como a Sibéria, África, os Balcãs e assim por diante. As suas gravações têm sempre um toque especial, mas nem todos os leitores conseguem ir recuperar esses detalhes mistos de emoção e de concentração/empenho do



intérprete. Desnecessário será dizer que o Akurate o conseguiu fazer com um *aplomb* notável, ou seja, fê-lo de um modo tão natural que me fez pensar porque é não o faziam todos os outros. De facto, a música liberta-se das colunas e permanece ali perante nós com uma grande fluidez, com um corpo e um ritmo que se combinam com uma ausência quase total de aspereza ou coloração que nos distrairiam a atenção do fundamental durante a reprodução de uma obra. Temos aqui um misto de charme pessoal, beleza, refinamento e sentido rítmico, tudo isto combinado de uma maneira tão subtil que nunca colocamos em dúvida que estamos perante a transcrição fiel dos sinais originalmente gravados em cada disco, até porque as naturais diferenças de timbre e mesmo de aproximação sonora, existentes de CD para CD, são evidenciadas, continuando no entanto o ouvinte a ter a sensação que cada um deles soa no seu melhor.

Por outro lado, a re-audição de diversos discos DVD-Audio que tenho por aqui por casa, tais como Nikolaus Harnoncourt na abertura da ópera *O Morcego*, de Johan Strauss, Joni Mitchell em *Both Sides Now* e, acima de tudo, uma notável *Carmina Burana*, com Zubin Mehta a dirigir a London Philharmonic, fizeram-me perceber uma vez mais quais as potencialidades reais que este formato tinha antes de o tentarem (e conseguiram) estragar com o acréscimo de tecnologias de protecção anticópia



que arruinaram completamente o som. Sim, porque nenhum dos discos que cito tinha qualquer tipo de protecção porque são edições limitadas, produzidas especialmente para demonstrações e distribuídas apenas a pessoas seleccionadas. Mesmo no tão vilipendiado DVD-Audio, o Akurate mostrou que é possível ouvir boa música e com uma excelente qualidade de reprodução. Isto apesar da navegação nos menus não ser possível, uma vez que o Akurate não tem saída de vídeo. Mas a naturalidade com que o som saía das colunas, o quase embriagante arejamento entre

notas, a rapidez escalofriante dos transitórios, tudo junto constituíram como que a cereja no topo do bolo em relação a tudo o que já tinha apreciado antes com CD e com SACD. Pena que os DVD-Audio que saíram para serem comercializados tenham sido «infectados» com os malfadados sistemas de protecção anticópia.

Conclusão

É preciso subir bem mais alto em preço para se conseguir ouvir coisas melhores que este Linn Akurate. Nos tempos que correm tenho encontrado muitos audiófilos que pretendem fazer evoluir o seu sistema de áudio de dois canais e, sinceramente, aconselho-os a que façam uma audição deste leitor até porque, para além de ser um magnífico leitor de CD's, ele lhes vai permitir ouvir o SACD como quase de certeza nunca ouviram. Não fica mesmo nada mal a ninguém fazer uma visita a um dos pontos de venda que a Linn tem em Portugal. Até porque pode sair de lá com algo notável debaixo do braço.



Preço: 6.350,00 €

Representante: Linn Ibérica www.linniberica.com

Transom Tel.: 21 351 25 50

Cinesom Tel.: 28 939 55 81